

ANTONIO CANDIDO E A FORMAÇÃO DA LITERATURA COMPARADA

Waltencir Alves de OLIVEIRA*

- **RESUMO:** O artigo analisa a obra crítica de Antonio Candido observando a sua importância para o surgimento e a consolidação da Literatura Comparada no Brasil. Pretende-se focar a relação entre suas formulações teóricas e os contextos sociais e históricos em que elas foram geradas, atentando para a singularidade de suas proposições diante dos impasses teóricos do século XX. A proposta é analisar, especificamente, a formulação e aplicação de um método comparatista em alguns ensaios da obra *Formação da Literatura Brasileira*, de 1959, e também avaliar a alteração de alguns parâmetros de análise em estudos posteriores do autor.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido. Literatura comparada. História da crítica literária no Brasil. Teorias críticas. Crítica dialética.

Resumindo: na história brasileira deste século, têm sido ou podem ser considerados formas de nacionalismo o ufanismo patrioteiro, o pessimismo realista, o arianismo aristocrático, a reivindicação da mestiçagem, a xenofobia, a assimilação dos modelos europeus, a rejeição desses modelos, a valorização da cultura popular, o conservantismo político, as posições de esquerda, a defesa do patrimônio econômico, a procura da originalidade etc. etc. Tais matrizes se sucedem ou se combinam, de modo que por vezes é harmonioso, por vezes incoerente. E esta flutuação, esta variedade mostram que se trata de uma palavra arraigada na própria pulsação da nossa sociedade e da nossa vida cultural. (CANDIDO, 2004b, p.224)

A obra crítica de Antonio Candido sempre esteve vinculada pela formulação e aplicação de um modelo de análise comparatista. A trajetória do crítico se inicia nos decênios de 30 e 40 através da crítica jornalística de “rodapé”. A definitiva opção acadêmica pelas Letras ocorre em 1958, quando se torna professor efetivo de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Paulista no campus de Assis, iniciando a atividade que o levará a assumir papel fundador na formação da crítica universitária. A multiplicidade de canais de veiculação da crítica, a definitiva incorporação da leitura crítica de textos literários pela instituição universitária, a delimitação teórica de um método próprio de leitura, análise e interpretação da

* Bolsista FAPESP. Pós-Doutorando em Teoria e História Literária. Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas – SP – Brasil. 13083-859 – waltenciroli@uol.com.br

literatura constituem algumas das contribuições significativas de Antonio Candido para o cenário dos estudos literários no Brasil. Com a publicação, em 1959, do livro, hoje clássico, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, o autor dá outro passo decisivo para a maturidade do cenário crítico e teórico ao fixar um modelo de historiografia literária atrelada a parâmetros de historicização e análise da produção cultural nacional que refutam o historicismo positivista e seguem modelos de análise e interpretação em tudo contrapostos ao simples elenco de obras e autores em uma linha evolutiva e linear, conforme se via até então, para se deter na leitura pontual e efetiva dos textos literários em sua singularidade e especificidade (BOSI, 2000).

O livro *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* representa, assim, um marco não só para os estudos literários no Brasil como para a própria historiografia, de um modo mais amplo. Lígia Chiappini (1992, p.171), em texto que discute a obra de 1959, define Antonio Candido como “crítico-teórico-historiador”. O próprio termo empregado evidencia o papel relevante do autor da *Formação* e a complexidade de seu estatuto como professor/pesquisador, deixando patente o caráter ímpar de sua atuação no cenário brasileiro.

O método de análise empregado em *Formação da literatura brasileira* sofreu algumas sutis e importantes redefinições na produção posterior de Antonio Candido. É o que se pode afirmar, consultando alguns livros e textos seus, tais como *Literatura e sociedade* (1965); “Literatura de dois gumes” (1966/1969); “Dialética da malandragem” (1970) e “Literatura e subdesenvolvimento” (1972/1973)¹. Para Sandra Nitrini (1997), pode-se apontar Antonio Candido como o principal formulador de um modelo comparatista dialético adequado à leitura da literatura brasileira, tarefa que contribuiu não só para a delimitação do campo teórico no nosso país, mas também, e principalmente, para uma série de reorientações de importantes diretrizes do comparatismo mundial².

Nota-se que o método comparatista, próprio dos estudos de literatura comparada, foi empregado nos textos e livros citados antes de uma completa institucionalização do campo teórico no Brasil, assim como alguns procedimentos e conceitos foram propostos, antes que formulações, hoje recorrentes na área como as de transculturação e de hibridismo, tivessem sido definidas pelos teóricos franceses e norte-americanos, a quem se tributa a fundação de quase todas as diretrizes clássicas e atuais do comparatismo. A complexidade de sua obra inviabiliza a análise de qualquer aspecto pontual que não seja devidamente contextualizado no conjunto que o enforma, o que torna a historicização de sua trajetória intelectual uma etapa fundamental para o desenvolvimento de qualquer pesquisa.

¹ Na lista de referências confira Candido (1985, 1992a, 1992b, 2004a).

² Cf., a propósito, o capítulo “Antonio Candido, um comparatista dialético” (NITRINI, 1997).

Antonio Candido iniciou sua carreira universitária como professor assistente de Fernando de Azevedo, no curso de Sociologia, onde produziu sua tese sobre o caipira paulista: *Os parceiros do rio bonito* (CANDIDO, 2001). Desde, pelo menos, este trabalho, fica assinalada a concepção de uma relação dialética entre uma manifestação cultural, o cururu, e seu contexto social, histórico e regional: a cultura do caipira paulista. Aliado ao trabalho formal na cadeira de Sociologia II, na Universidade de São Paulo, Antonio Candido já há muito vinha atuando como crítico literário: são vários os textos críticos dispersos pelos números da Revista *Clima*, fundada e mantida, durante os anos de 1941 e 1942, por ele, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Gilda de Melo e Souza (ainda Moraes da Rocha), entre outros; maior ainda o volume de ensaios publicados na forma, então usual, da crítica sistemática de rodapé³, em vários jornais, como *Folha da manhã* (1943-1945) e *Diário de São Paulo* (1945-1947), sem contar a participação fortuita em outros jornais e revistas da época.

Ao assumir a disciplina de Literatura Brasileira na recém-fundada Faculdade de Letras de Assis da UNESP em 1958, onde atua por dois anos, elabora e publica, ainda em 1959, a primeira edição do livro *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, trabalho que formaliza a série de ensaios apresentados nas aulas ministradas na Faculdade de Assis. A publicação do livro por si só parece confirmar duas linhas de força bastante marcadas em todo o percurso intelectual de Antonio Candido: a pesquisa como etapa inerente ao exercício do magistério e o empenho em institucionalizar e profissionalizar a atividade do crítico literário.

Além de essa publicação representar um importante marco para a crítica literária, ela também introduz importantes inovações no método historiográfico no Brasil. Contrapondo-se ao modelo positivista, então preponderante, que, na esfera específica da historiografia literária, era marcado pelo simples elenco de obras e autores dispostos em linha cronológica, supondo uma visão linear e ordenada da História, o “crítico-teórico-historiador” opta por um estudo histórico que assinala e compreende o recorte específico de cada obra e autor na tessitura mesma de sua contextualização. Nesse sentido, é importante lembrar o que diz Lígia Chiappini, ao contestar a crítica de Haroldo de Campos (1989) de que a obra de 1959 se ressentia da opção de Antonio Candido por um modelo historiográfico positivista e não analítico-interpretativo:

³ Deve-se lembrar que por esta época Antonio Candido escreveu importantes textos de crítica literária, como a análise inaugural sobre a prosa de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, em 16 de julho de 1944, na *Folha da manhã*; a primeira crítica sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, “Poesia ao norte”, no mesmo jornal, em 16 de junho de 1943; a análise da obra *Sagarana*, em 11 de julho de 1946, no jornal *Diário de São Paulo*, apontando para a nova representação do regional em curso na obra do autor, e vários outros artigos em que inaugura e orienta a crítica sobre os mais importantes autores brasileiros (DANTAS, 2002).

Como concordar com essa crítica se, ao longo dos dois volumes da *Formação da literatura brasileira* e, por mais de seiscentas páginas, é a leitura detalhada das obras singulares que vai mostrar como elas se articulam no sistema? Obras que são formas carregadas de história, elas mesmas históricas, porque estão na história, contém a história e fazem história? (CHIAPPINI, 1992, p.176).

Introduz entre nós, com isso, um novo modelo de historiografia, e também analítico, que só pode compreender o literário como resultante de uma relação dialética entre fatores internos estruturadores da obra e fatores externos, sociais e históricos. Conforme definirá o próprio Candido, em estudo posterior (o livro de 1965, *Literatura e sociedade*),

[n]este caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isso se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. (CANDIDO, 1985, p.7)

Em *Literatura e sociedade*, o trabalho do crítico é descrito também em função da adequação do método ao objeto, conforme descreve na seqüência ao trecho citado anteriormente:

O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 1985, p.7).

O método crítico foi explicitado no livro de 1965; contudo, a *Formação da literatura brasileira*, publicada seis anos antes, já deixava antever grande parte desse arcabouço teórico através das análises efetuadas. É o que parece ocorrer, por exemplo, no ensaio sobre o romance alencariano, “Os três alencares”, em que o critério para dividir e estudar a obra do romancista é a segmentação da ficção em função do público leitor: “Alencar das mocinhas; “Alencar dos rapazes”, “Alencar dos temas profundos”. Parece adotar, com isso, uma perspectiva sociológica que não procura enfocar a obra exclusivamente em seu contexto de produção, mas concebendo a correlação entre ela e a recepção pretendida e efetivamente alcançada, apontando, neste caso específico, para alguns pressupostos teóricos que irão constituir o método explicitado por Hans Robert Jauss em sua conferência inaugural sobre a Estética da Recepção na Alemanha, em 1967⁴. No ensaio sobre a poesia de Álvares

⁴ Faço alusão à conferência apresentada por Jauss na Universidade de Constança, em novembro de 1967, publicada no Brasil: *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (JAUSS, 1994). Cf., a propósito da relação entre Candido e os estudos de leitura, o texto de Lajolo (2003) “A Leitura na *Formação da Literatura Brasileira* de Antonio Candido”.

de Azevedo, “Ariel e Caliban”, o dado biográfico e as figurações do inconsciente e do simbolismo cristão são empregados como elementos entranhados na estrutura da obra e imprescindíveis para a totalização de seu sentido, alterando, sensivelmente, o modelo analítico empregado e sustentando que cada texto singular exige e solicita uma opção crítica diferenciada. No texto “Manuel Antonio de Almeida: o romance em moto-contínuo”, a partir da descrição do movimento peculiar e próprio de um romance dito de “memórias” são apresentados alguns elementos que, mais tarde, no texto “Dialética da malandragem”(1970), Antonio Candido descreverá como paradigma de um tipo singular representado na literatura e na cultura brasileiras: o malandro. Interessante apontar que nas páginas da *Formação* o romance *Memórias de um sargento de milícias* é ainda classificado como picaresco, auxiliando a corroborar com uma classificação colada a um rótulo da crítica de língua espanhola. Contudo, grande parte da estrutura singular e particular do romance de Manuel Antonio de Almeida já é descrita, faltando renomeá-lo, conforme faz Candido no texto de 1970, em função de uma nomenclatura própria, que confirma que nossos instrumentos críticos precisam se refinar para atender a especificidade de nossa produção literária.

Apenas com esses exemplos talvez seja possível inferir que o livro de 1959 segue, antes mesmo de formalizado, um método rigoroso de análise que não exclui a diversidade e adaptabilidade do elemento externo a ser pinçado para a análise, muito menos entende que a obra literária é espelho da História, mas sim uma estrutura homóloga ao social e ao histórico, em toda a diversidade e heterogeneidade de que todos estes elementos constitutivos estão revestidos. Ao proceder desse modo, parece se distanciar tanto dos modelos estruturais/formalistas quanto de uma vertente tradicional de crítica marxista/ sociológica, operando na contramão das teorias mais difundidas no período contemporâneo à publicação de sua obra.

A *Formação da literatura brasileira* não apresenta um estudo histórico que acompanha cronologicamente o conjunto de toda a evolução literária do Brasil, mas estabelece um recorte significativo da produção nacional a partir do conceito de sistema literário, que dividiria essa produção em “manifestações literárias” e “literatura propriamente dita”.

[...] convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras interligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer a nota dominante numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não

vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (CANDIDO, 1997, v.1, p.23)

A definição de sistema deixa antever a preocupação com a interrelação entre todos os elementos inscritos nele e dita as bases de uma historiografia que vai ler a obra literária como produção artística singular e, ao mesmo tempo, como parte integrante de um conjunto que abarca vários outros elementos visceralmente ligados a ela. Mais do que uma crítica que analisa a representação do social no estético, apresenta-se um modelo em que o estético é social, impondo para a história da literatura uma abordagem que historiciza a materialidade linguística dos textos, as práticas de escrita e as de leitura que constituem o intrincado processo de produção, circulação e recepção do texto literário.

Decorre disso mais uma frutífera integração entre os estudos literários e as ciências sociais. Sobretudo, nasce uma possibilidade de acrescentar novo ingrediente tanto ao debate teórico corrente nos estudos sociológicos-históricos contemporâneos ao livro como apresentar uma perspectiva crítica fundadora para os estudos de literatura brasileira. Conforme Paulo Arantes, o livro de Antonio Candido vem encorpar um debate em curso nas Ciências Sociais e na História, desde pelo menos os anos 30, que procura “[...] na forma de grandes esquemas interpretativos em que se registrem tendências reais na sociedade” conceber uma genealogia de traços e fatores que condicionem a formação do caráter nacional. (ARANTES, P; ARANTES. O., 1997, p.11).

No caso específico dos estudos de literatura, desponta o interesse de conceber um aparato crítico que concilie a análise estético-estilística de textos literários com uma concepção de literatura como fator social e histórico inerente a todo o processo evolutivo de uma sociedade. Uma visada analítica que vê a forma literária não em movimento especular em relação à história e ao social, mas como fruto de um processo intrincado de engendramento entre fatores externos à obra e os internos, ou constitutivos da mesma. A intenção é clara: aliar o estudo de cada obra específica, que convoca para si um método analítico específico, a uma visão panorâmica do conjunto dessas obras que permita conceber uma linha estrutural evolutiva na formação da entidade nacional.

A definição de sistema literário empregada por Antonio Candido no livro de 1959 assenta-se, ainda, sobre importante pressuposto teórico: a concepção de que a “[...] literatura brasileira deve ser estudada como síntese de tendências universalistas e particularistas.” (CANDIDO, 1997, v.1, p.23). Pode-se depreender disso uma metodologia de análise que torna todo e qualquer esforço crítico de compreensão da produção literária nacional em um estudo comparatista. Ou seja, compreender a formação da literatura brasileira envolveria sempre a análise do processo histórico de assimilação de modelos europeus e de adaptação deles a um novo contexto que poderá reescrevê-los e conferir-lhes nova forma.

Em *Literatura e sociedade*, escrito seis anos mais tarde, Antonio Candido substituirá o termo “síntese” por “tensão dialética”, adotando uma visada analítica que afina o próprio paradigma de análise. Conforme indica Sandra Nitri (1997, p.195),

Sua célebre formulação segundo a qual “*a dialética entre o localismo e o cosmopolitismo constitui uma lei de evolução da vida espiritual do Brasil*” corresponde a uma coordenada fundamental sobre a qual devemos nos apoiar para refletir não somente sobre a literatura brasileira mas também sobre a literatura latino-americana. Esse processo dialético consiste numa “integração progressiva da experiência literária e espiritual, através da tensão entre os dados locais (que se apresentam como substância de expressão) e os modelos herdados da tradição européia (que se apresentam como forma de expressão).

A concepção de comparatismo presente na *Formação da literatura brasileira* pode parecer, em uma primeira leitura, ainda bem colada a uma concepção de influência como estudo das relações entre cultura/autor/literatura de um país central que serviu de fonte e motivação a um pólo receptor/periférico. Essa tem sido, salvo algumas exceções, a chave com que se tem lido a afirmação de que “[...] a nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas.” (CANDIDO, 1997, v.1, p.9). Contudo a noção de dependência cultural me parece bem distante da noção de filiação, ou de produção literária inscrita em outra ponta de uma mesma e integrada tradição, conforme Candido parece apontar no emprego da metáfora da “árvore”. Uma prova cabal disso desponta em vários textos da própria *Formação*, como no capítulo “Um instrumento de descoberta e interpretação”. Nele, ao analisar o processo de surgimento e fixação do gênero romance no Brasil, o autor aponta que o diálogo entre nossos mais renomados românticos e a tradição européia impôs um movimento de assimilação de formas e temas, sem haver, contudo, uma submissão passiva a modelos pré-estabelecidos, própria de uma relação binária de dependência:

É digna de reparo a circunstância de não haverem, nos romances regionalistas e urbanos, inventado personagens socialmente inverossímeis, como se poderia esperar devido à influência estrangeira. Mais do que ela, funcionou aqui a fidelidade ao meio observado: e apesar da fascinação exercida por Balzac, Dumas, Feuillet, nunca se traçou em nossa Literatura um Rastignac, um Monte Cristo ou um Camors, incompatíveis com as condições ambientes. Estude-se a influência do *Ivanhoe* n’ *O sertanejo*, d’ *A dama das camélias*, em *Lucíola*, ou do *Romance dum rapaz pobre* em *Senhora* para se apreciar o tacto com que Alencar manuseava sugestões européias. (CANDIDO, 1997, v.2, p.103-104)

Reitera-se que a própria noção de “síntese”, empregada na obra de 1959, é refinada em *Literatura e sociedade* através de sua substituição por “tensão

dialética” e constante entre “localismo” e “universalismo”, o que parece assinalar a reorientação significativa do método comparatista em curso.

A sutil reorientação do método que parece ser assinalada em *Literatura e sociedade* é explicitada em ensaios críticos escritos por Antonio Candido no final da década de 60 e início dos anos 70, tais como “Literatura de dois gumes” (1966/1969), “Dialética da malandragem” (1970) e “Literatura e subdesenvolvimento” (1972/1973). Em todos eles, uma nova concepção da relação entre as tendências locais e universais desponta claramente, o que parece notório em um texto como “Dialética da malandragem” (2004a), no qual o autor analisa a obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, refutando sua propalada filiação à ficção picaresca de língua espanhola e inscrevendo o livro em uma matriz formal genuína, gestada no contexto particular do Brasil. De acordo com Roberto Schwarz (1997, p.134),

Antonio Candido reitera o procedimento da crítica nacionalista desde os seus primórdios: a literatura brasileira não é a representação de formas criadas na Europa, ela é algo novo. Entretanto, há uma diferença de pontos de vista, pois a questão é tratada factualmente, e não como de amor-próprio nacional, à maneira do patriotismo romântico. A tese da filiação picaresca é examinada sem prevenção, e o problema crítico estaria resolvido – na expressão do Autor – caso ela convencesse. Nada obsta, em princípio, a que se cultive no Brasil uma forma que não seja particular ao país. Em jargão de hoje, a alternativa da dinâmica endógena ou exógena, que preocupa a historiografia nacional em todos os ramos, recebe a única resposta dialética: depende.

Não parece ser diferente a perspectiva adotada nos demais textos referidos. “Literatura de dois gumes” (1992), por exemplo, analisa uma forma literária em um corte transversal que historiciza a chamada “ficção regionalista” desde o período romântico no Brasil até a obra de Guimarães Rosa. Neste texto, o crítico parece pontuar como a criação de uma vertente literária declaradamente localista resguarda soluções e dilemas cuja inflexão é crivada de aspectos universalistas; afinal, a tensão que perpassa toda a obra de Rosa parece pontuada pela expressão lapidar de que “o Sertão é o mundo”. Parece indicar, assim, a existência de um complexo processo de interação entre local e universal que se distancia dos paradigmas tradicionais de estudo da influência, que sempre se ocupam de fixar o papel da fonte e de outro – o do pólo receptor. Em outra perspectiva, parece conceber que o diálogo entre culturas/literaturas descarta a subordinação ou filiação de umas às outras, constituindo movimento estruturador de todo e qualquer sistema literário, esteja ele inscrito entre culturas e línguas hegemônicas ou não.

No exercício das atividades institucionais, Antonio Candido foi o responsável pela ação que transformou, em 1961, o então Departamento de Teoria Literária, da Universidade de São Paulo, em Departamento de Teoria

Literária e Literatura Comparada, instituindo depois o primeiro curso regular de Pós-Graduação na área. O próprio crítico ressalta a importância da elevação da disciplina à categoria de unidade departamental, como etapa imprescindível para que a área transponha o caráter residual que possuía, sendo apêndice de Departamentos de Línguas Estrangeiras Modernas. Deve-se referir que, em texto publicado em um livro de 1993, Antonio Candido avalia o papel fundamental que a Literatura Comparada exerce em um país como o Brasil. Para ele, a literatura brasileira é fruto de um “país caracterizado pelo cruzamento intenso das culturas” (CANDIDO, 1993, p.216), o que impregna toda a nossa produção literária e nossas reflexões teóricas de uma “espécie de comparatismo não intencional, elementar e ingênito”. Segundo o autor, essa “tendência crítica marcada também no comportamento dos escritores” (CANDIDO, 1993, p.213) tem, a partir da institucionalização da disciplina, o amparo necessário para que a literatura comparada ocupe em nossos meios acadêmicos o papel relevante que sempre teve. Antonio Candido concebe o histórico da literatura comparada no Brasil dividindo-o em três estágios: o período anterior à sua institucionalização, no qual detecta a existência do comparatismo “ingênito, elementar e não-intencional” que animava o escritor e o crítico do país recente; a autonomia disciplinar na grade da Universidade de São Paulo, empreendida por iniciativa dele mesmo; e a fundação da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada⁵ – como órgão que, segundo ele, oficializa definitivamente o campo de estudo no Brasil:

A partir de então o interesse e as atividades em literatura comparada começaram a se manifestar regularmente nas universidades brasileiras, das quais mencionei o caso paulista, por conhecer mal a situação em outros estados. Mas faltava algo importante, e eu diria decisivo: a consciência profissional específica, que se fortalece pelo intercâmbio, os periódicos especializados e a vida associativa, marcada por encontros, simpósios e congressos. Foi o que começou com a Associação Brasileira de Literatura Comparada, que equivale a uma certidão de maioridade da disciplina no Brasil. De fato, ela encerra a era que começou pelas manifestações ocasionais, passou à prática regular, mas individual, antes de obter reconhecimento institucional, que ainda assim não a tirou da situação marginalizada, em que existia sobretudo como subproduto do ensino das literaturas estrangeiras modernas. A partir de agora ela poderá assumir o papel que lhe cabe num país caracterizado pelo cruzamento intenso das culturas, como é o Brasil. (CANDIDO, 1993, p.216).

⁵ Como é de conhecimento geral, a ABRALIC foi fundada em Porto Alegre, em 1988, por ocasião do I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada. Segundo Nitri (1997), a fundação da associação no Brasil esteve fortemente atrelada às discordâncias com o modelo clássico francês da literatura comparada, esboçadas, pelo menos, a partir do II Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, AILC, em Chapel Hill, em 1958.

Interessante destacar que Susan Bassnett (1993), por exemplo, julga que a “deseuropeização” da literatura comparada – entendida como sua saída do cenário exclusivamente europeu e norte-americano e sua institucionalização como disciplina em países de culturas ditas “periféricas” – obrigou uma nova configuração teórica da área. Ela destaca principalmente a emergência de paradigmas comparatistas latino-americanos e aponta o impacto que o modelo analítico “dialético-transcultural” de Antonio Candido, a teoria da tradução/transcrição de Haroldo de Campos e a própria concepção oswaldiana de Antropofagia trazem para o cenário mundial dos estudos comparatistas⁶. O que, segundo ela, impõe um novo modo de o Brasil, e a América Latina como um todo, conceber a Europa, como também impõe aos países de culturas ditas “centrais” uma nova percepção crítica das literaturas e do mundo não-europeu.

Antonio Candido caracteriza, em vários textos seus, a relação peculiar entre as literaturas latino-americanas (por ele entendidas como o complexo literário da Hispanoamérica mais o Brasil) e a tradição ocidental, em especial o complexo cultural europeu e norte-americano. Para as intenções deste artigo, parece-me bastante interessante destacar algumas considerações críticas feitas por Candido em relação ao método de Ángel Rama (1995), o que auxilia a explicitar sua própria percepção da relação de diálogo entre a cultura brasileira e latino-americana, de um modo geral, e as culturas dos países ditos centrais.

La reflexión teórica a la que aludi presenta problemas peculiares que se imponen al estudioso latinoamericano. Em primer lugar, el concepto de literatura nacional, que los europeos adoptaron em virtud de la sedimentación histórica de la que resultaron las nacionalidades y países de Europa, pero que, en América Latina, por tratarse de naciones formadas hace relativamente poco tiempo y según causas muchas veces ocasionales, presenta aspectos peculiares. Outro de nuestros problemas es el de relación com las literaturas de los países centrales, que puede llevar a algunos críticos a afirmar una especificidad absoluta que no existe, porque – como bien observaba Rama – somos parte de la misma civilización. (CANDIDO, 1995, p.356)

A insistência em fixar a literatura brasileira, e a dos demais países da América Latina, como parte integrante da tradição literária européia e ocidental, de um modo mais amplo, desponta já na metáfora do arbusto presente no livro de 1959. No entanto, tanto nessa primeira como nas demais afirmações de nossa complexa e dialética relação com as demais culturas e literaturas mundiais, o modo como Antonio Candido vê essa intrincada relação não pode ser reduzido, a despeito de uma leitura muito simplista, a uma mera recepção passiva, que se chamaria dependência, nem

⁶ Além de Susan Bassnett e outros críticos estrangeiros, Leyla Perrone-Moisés já havia atentado para a importância dessas concepções de cultura/literatura gestadas no Brasil para a nova conformação dos estudos de literatura comparada no mundo. Cf. Perrone-Moisés (1990).

à afirmação ufanista e inocente de que somos fruto de uma inflexão absolutamente autóctone. Recuperemos a afirmação de Roberto Schwarz (1997, p.134) em relação à posição teórica de Antonio Candido: “[...] a alternativa da dinâmica endógena ou exógena, que preocupa a historiografia nacional em todos os ramos, recebe a única resposta dialética: depende [...]”. E é por essa adequação às particularidades de nosso cenário cultural, literário e crítico que a obra de Antonio Candido permanece importante, por fornecer dados substanciais sobre o percurso histórico de nossa complexa situação, mais ainda por vacinar nosso espírito teórico contra algumas incoerências já experimentadas e que teimam em ser reinauguradas, assentadas sobre outras nomenclaturas e proposições.

Importa constatar que os principais detratores de sua obra, entre nós, asseveram a necessidade de “desconstrução” das grandes narrativas da modernidade, imprecando contra o caráter nacional da literatura e a conseqüente existência de um processo formador em curso ou finalizado. No entanto, sempre que o fazem atacam, por um lado, a concepção de que nossa literatura é galho da portuguesa, por sua vez galho secundário da francesa, vendo aí o resíduo de uma visão europeizante e binária do comparatismo. Por outro lado, tecem suas considerações teóricas se subordinando a matrizes teóricas norte-americanas e européias, que fazem supor a inexistência da particularidade de nosso sistema literário, imerso, desde a “Carta de achamento do Brasil”, em um *continuum* cultural e histórico com as demais nações do mundo, que tiveram papel fundamental no nosso processo de colonização – caso dos países europeus ou dos que tiveram desde os primórdios, um processo de aculturação e independência absolutamente diverso do nosso, como os Estados Unidos. Promovem, com isso, o abandono da discussão de nossa condição periférica e reproduzem, de forma quase exata, a formulação de Sílvio Romero de que no Brasil se padece com a “falta de seriação das idéias” a partir da “[...] predileção por um livro de fora que vem decidir a natureza das opiniões de um autor entre nós.” (ROMERO apud ARANTES, 1997, p.15).

Dito de outro modo: os mais sutis e os mais declarados rebatedores das concepções teóricas de Antonio Candido condenam a definição de nossa condição como periférica, em um texto crítico datado de 1959 e largamente redefinido pelo próprio autor, mas empregam, no limiar do século XXI, um conjunto de formulações teóricas francesas e norte-americanas incorporadas sem mediações ou adaptações, auxiliando a atestar, nos dias de hoje, um cenário crítico acanhado e provinciano, incapaz de formular perguntas e respostas singulares diante de uma realidade em tudo desigual e assimétrica em relação aos países dito centrais. Sobretudo, aceitam que a narrativa da nação e da modernidade se esgotou em um país, cujas marcas de diversidade conciliam anacronismos de toda ordem, e no qual, muitas vezes, parece-nos que as narrativas da nação e da modernidade sequer começaram a ser formuladas.

Deve-se indicar ainda que, conforme aponta Abel Barros Baptista (2005), a idéia de formação na obra teórica de Antonio Candido aponta para uma estratégia bastante complexa. Segundo o autor, a teoria de Antonio Candido, esboçada a partir de *Formação da literatura brasileira*, corresponderia a um importante movimento de construção, ou consolidação, de um cânone nacional, cuja feição teleológica assume, em última instância, um movimento civilizatório e modernizante. Projeto que prevê um programa de seleção de textos, disseminação de modelos de leitura, institucionalização da atividade crítica e mais uma série de outras implicações contidas no que ele denomina “teoria da literatura brasileira” de Antonio Candido. Abel Barros Baptista indica como uma das principais conseqüências dessa aventura crítica a prática disseminada no Brasil de se ler textos literários brasileiros procurando, antes de tudo, atestar seu rótulo nacional, antes mesmo de considerar outras perspectivas e categorias analíticas. Aponta, além disso, que a obra crítica de Antonio Candido acaba por naturalizar o conceito de nacional e a delimitação do cânone como categorias imanentes e não como construções teóricas resultantes das leituras críticas.

Interessante constatar, no entanto, que Abel Barros Baptista constata a dimensão universalista, ou internacionalista, de nossa literatura partindo da leitura de textos literários que passaram a integrar a nossa mais seleta e alta tradição, justamente em função da ação teórica de Candido. Como é o caso da obra de Graciliano Ramos e de João Cabral de Melo Neto, o que parece reforçar a sua condição canônica e o acerto teórico de Candido. Uma vez que termina por apontar que, para tratar da literatura brasileira, o recurso é sempre o de naturalizar e reiterar a importância e maturidade de nosso sistema, elegendo sempre os mesmos e iguais autores. Por outro lado, atesta sobre as obras dos dois autores algumas condicionantes críticas já apontadas pelo próprio Candido, que, por exemplo, aconselhou o poeta João Cabral a renomear seu livro de 1980: antes denominado *Poemas pernambucanos*, e que foi intitulado, definitivamente, *A escola das facas*, depois de ter os originais revistos por Candido. Segundo atesta João Cabral, o crítico julgou que o uso do adjetivo “pernambucano” acabava por restringir o alcance do livro, que apresentava “[...] uma poesia notadamente autobiográfica, auto-referencial e de alcance universal e não restrito a uma dimensão regionalista ou circunscrita ao homem de um lugar só”⁷. Além de procurar atestar nosso ingênuo universalismo partindo justamente dos mesmos textos que foram solicitados para “naturalizar” o cânone, reafirmando sua condição de eixos ou centros, Barros Baptista reitera a condição internacionalista da nossa literatura justamente em relação a textos que foram apontados por Candido como assim sendo. Além disso, o crítico português parece não atentar para a condição dialética da crítica de Antonio Candido, que sempre supõe que o rótulo de nacional

⁷ Cf. entrevista de João Cabral de Melo Neto a Miguel Paiva Lacerda, publicada na *Folha de São Paulo* em 16 de junho de 1982; nela, o poeta comenta *A escola das facas*, referindo-se à importância da revisão de Antonio Candido para que o livro assumisse sua forma definitiva.

não se cola a nenhum texto sem o adesivo do diálogo com o universal, concebendo uma noção de influência que, entendida como incorporação do diferente, do outro, de modo tão peculiar, resulta na impossibilidade de definição da fronteira. Sabemos, ainda, desde Tolstoi, pelo menos, que “[...] se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia.” (TÓLSTOI, 2008, p.17), o que nos leva a perguntar se ser universal não envolve também ser local, ou se há a possibilidade de demarcar, decisivamente, as fronteiras em um mundo imerso em fios tão intrincados.

A aceitação inconteste de que estamos imersos em um processo transcultural e de nulidade das fronteiras em meio a um mundo global sem hierarquias impõe, além disso, a aceitação de um processo concluído de assimilação da nacionalidade e posterior supressão dessa. Segundo Mike Featherstone (1990), supor a existência de uma cultura global compreende aceitar que as culturas nacionais, “formadas” em seu sentido mais amplo, interpenetraram-se e se fundiram, o que não ocorreu em sua completude, o que nos faz admitir, mais precisamente, a existência de “[...] alguns processos culturais trans-nacionais que assumem uma ampla variedade de formas.”(FEATHERSTONE, 1990, p.17). Néstor Garcia Canclini (1997) indica que a sociedade contemporânea integra e forma uma cultura marcada por três fatores fundamentais: a hibridez, a desterritorialização e as estratégias de descoleção. Obviamente, ao menos três grandes pilares da tradição crítica mobilizada por Antonio Candido podem ser desconstruídos, em função da afirmação de Canclini: a noção de literário, a concepção de nacional e a fixação de um cânone. Contudo, é o próprio Canclini (1997, p.137) que conclui que

É necessário incluir nas estratégias descolecionadoras e desierarquizadoras das tecnologias culturais a assimetria existente, em sua produção e seu uso, entre os países centrais e os dependentes, entre consumidores de diferentes classes dentro de uma mesma sociedade. As possibilidades de aproveitar as inovações tecnológicas e adequá-las às próprias necessidades produtivas e comunicacionais são desiguais nos países centrais geradores de invenções, com altos investimentos para renovar suas indústrias, bens e serviços – e na América Latina, onde os investimentos estão congelados pelo peso da dívida e das políticas de austeridade, onde os cientistas e técnicos trabalham com orçamentos ridículos ou têm que emigrar, o controle dos meios culturais mais modernos está altamente concentrado e depende muito de programação exógena.

Por tudo isso é que parece necessário atentar, cada vez mais, para o caráter dialético da obra crítica de Antonio Candido, para refletir, adequadamente, sobre os modelos apresentados em sua obra com a finalidade de compreender o processo de inserção do Brasil no cenário global. Isso apontaria para a necessidade de incluir entre as estratégias “descolecionadoras”, “desterritorializadoras” e “desierarquizadoras” adotadas, atualmente, por importantes vertentes críticas, o processo de avaliação

crítica de nossa assimetria, repetindo, como convém à boa tradição, o movimento que fez de Machado de Assis hábil leitor de Sterne – ou o de Antonio Candido, um crítico-teórico-historiador que soube atinar para a valéryana concepção de que “[...] o leão é feito de carneiro assimilado.” (VALÉRY, 1998, p.29). Talvez com isso cheguem, como ambos fizeram, a inverter a fórmula e confirmar que o carneiro pode assimilar cada passo do leão e não ser devorado, devolvendo, inclusive, a ele uma imagem de si bem diferente e distorcida – ou para dizer em fórmula bem própria e que deveria soar ainda bastante familiar: “só a Antropofagia nos une.” (ANDRADE, 1992, p.23).

OLIVEIRA, W.A. Antonio Candido and the formation of comparative literature. **Itinerários**, Araraquara, n.30, p.49-64, 2010.

■ **ABSTRACT:** *The article analyzes Antonio Candido's critical work, observing its importance for the emergence and consolidation of Comparative Literature in Brazil. It is intended to focus on the relationship between his theoretical formulations and the social and historical contexts in which they were developed, giving more attention to the singularity of his propositions facing the theoretical impasses of the twentieth century. The aim is to analyze, specifically, the formulation and the application of a comparative method in some essays of his 1959 work "Formação da Literatura Brasileira" (Formation of Brazilian Literature), and also to evaluate the changes in some analysis parameters in the author's later studies.*

■ **KEYWORDS:** *Antonio Candido. Comparative literature. History of literary criticism in Brazil. Critical theories. Dialectic criticism.*

Referências

ANDRADE, O. **Estética e política**. Porto Alegre: Globo, 1992.

ARANTES, P.; ARANTES, O. B. F. **Sentido da formação**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

BAPTISTA, A. B. **O livro agreste**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

BASSNETT, S. **Comparative literature: a critical introduction**. Cambridge: Blackwell, 1993.

BOSI, A. Por um historicismo renovado. **Teresa**: revista de Literatura Brasileira, São Paulo, v.34, n.1, p. 9-47, 2000.

CAMPOS, H. de. **O seqüestro do barroco da “Formação da Literatura Brasileira”**: o caso Gregório de Matos. Salvador: FCJA, 1989.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: _____. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2004a. p.17-48.

_____. Uma palavra instável? In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004b. p.215-226.

_____. **Os parceiros do rio bonito**. 9.ed. São Paulo: Duas cidades, 2001.

_____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2v.

_____. La mirada crítica de Angel Rama. In: _____. **Ensayos y comentarios**. Traducción de Rodolfo Mata Sandoval e Maria Teresa Celada. Campinas: Ed. da Unicamp; México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p.355-365.

_____. Literatura comparada. In: _____. **Recortes**. São Paulo: Cia. das Letras. 1993. p.211-215.

_____. Literatura de dois gumes. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2.ed. São Paulo: Ática. 1992a. p.163-180.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática. 1992b. p.140-163.

_____. **Literatura e sociedade**. 7.ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CHIAPPINI, L. Os equívocos da crítica à “Formação”. In: D’ÍNCAO, M. Â.; SCARABOTOLLO, E. F. **Dentro do texto, dentro da vida**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.170-180.

DANTAS, V. **Bibliografia de Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades. 2002.

FEATHERSTONE, M. **Cultura global**. Petrópolis: Vozes. 1990.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática. 1994.

LAJOLO, M. A leitura na *Formação da Literatura Brasileira* de Antonio Candido. In: LA SERNA, J. R. de (Org.). **História e literatura**: homenagem a Antonio Candido. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: Memorial, 2003. p.51-76.

MELO NETO, J. C. de. A escola das fâças. [jun. 1982]. Entrevistador: Miguel Paiva Lacerda. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jun. 1982. Caderno Folhetim, p. 65.

NITRINI, S. **Literatura comparada**. São Paulo: EDUSP, 1997.

PERRONE-MOYSÉS, L. Literatura comparada, intertexto e Antropofagia. In: _____. **Flores da escrivaninha**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p.91-99.

SCHWARZ, R. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: _____. **Que horas são?** São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p.129-155.

TOLSTOI, L. **Guerra e paz**. 6. ed. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

VALÉRY, P. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci**. São Paulo: 34, 1998.

